

Ó nave interestelar onde navego
 com rumo a um lugar que desconheço,
 já que aqui vou, a ti me vergo e peço:
 leva-me ao Capitão, porque estou cego!...

Nauta errante que sou, nem sei se nego
 o que antes vi!... Aquilo em que tropeço
 não é viver!... é a pena que mereço
 por não pesar a infâmia que carrego!

Na nave peregrina da lonjura,
 berço da vida humana, que o Divino
 criou com a razão de quem procura
 perfeição na criação e no destino.

Perdi-me ao cegar nesta aventura!...
 Morri!... quando deixei de ser menino!...

Humberto Soares Santa, Nave Terra;
 Cotovia, 2004-09-28

No meu grande otimismo de inocente,
 eu nunca soube por que foi... um dia,
 ela me olhou indiferentemente,
 perguntei-lhe por que era... Não sabia...

Desde então, transformou-se de repente
 a nossa intimidade correntia
 em saudações de simples cortesia
 e a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos falamos... vai distante...
 Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante
 em que seu mudo olhar no meu repousa,
 e eu sinto, sem no entanto compreende-la,
 que ela tenta dizer-me qualquer coisa,
 mas que é tarde demais para dizer-la...

Raul de Leoni Ramos 1895-1926, História Antiga; em Argila 9,
 0411, Rev. da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni

En mi gran optimismo de inocente
 yo nunca supe porque fue, un día
 me miró distraída, indiferente...
 le pregunté por qué – no lo sabía.

Y luego transformose, de repente,
 aquella intimidad toda alegría
 en saludos de mera cortésia,
 y la vida siguió, calma, indolente.

No hablamos más desde tal día distante,
 pero cuando la veo, un solo instante,
 toda su honda mirada en mi reposa;
 no la comprendo, pero sé sentirla:
 ella quiere decirme alguna cosa,
 pero es tarde demás para decirla.

Raul de Leoni, Historia Antigua; de Sonetos Brasileños
 traducidos por Alvaro de Las Casas – ABL 1938

SELEÇÕES EM FOLHA
 mfmendez@ig.com.br

Ano 9, Nº 02 – 2005, FEVEREIRO
 Assinatura até Dezembro de 2005: 10 selos postais de 1º Porte Nacional
 Não-comercial (RS 0,55) ou informe seu E-Mail para remessa mensal grátis.

Yo quiero salir del mundo
 por la puerta natural:
 en un carro de hojas verdes
 a morir me han de llevar.

No me pongan en lo oscuro
 a morir como un traidor:
 yo soy bueno, y como bueno
 moriré de cara al sol!

La imagen del rey, por ley,
 lleva el papel del Estado:
 el niño fue fusilado
 por los fusiles del rey.

Festejar el santo es ley
 del rey; y en la fiesta santa
 ¡la hermana del niño canta
 ante la imagen del rey!

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos XXIII y XXIX;
 José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Se a consciência é tribunal, com teu agir me convences de que ela em ti ou vai mal, ou vive em férias forenses...	Eu quisera ser semente que germina, dando vida, fazer bem a toda gente, frutificando escondida!	O luar canta e seduz, carinhoso em seus desvelos numa seresta de luz derramada em seus cabelos.	Quem dera que esta Nação despertasse do recesso, e elege-se a Educação... como Base do Progresso!	O Brasil, jamais terá, parte de grandes nações; do jeito, que ele está, empestado de ladrões...	Neste mundo singular, onde há mais mal do que bem, errar é humano... e culpar por isso os outros, também.
José Fabiano, em Trovira 0502	Mª Eunice Duarte Cherberle, em Trovalegre 0501	Mário Marinho, em O Ajebiano Carioca 0410	Oefé Souza, em Meu Kantinho 0412	Pedro Grilo, em O Pitiguari 0409	Ziver Ritta, em Fanal 0501

Vila Rica some na cerração estival, com o eco de sinos.	Fim da pororoca as ondas retornam mansas carregando as vítimas.	Sobre a folha verde, um movimento ondulante. Taturana verde.	Quarta-feira de Cinzas só os beatos na igreja... Ressaca do Carnaval.	Na ponta do galho taturana se equilibra dançando no ar.	Dorme plácido não escuta o trovão o recém-nascido.	Um galho inclinado mede-palmas vai subindo... Encolhe... estica... encolhe...
H. Masuda, Goga	José N. Reis	Maria R. Labruciano	Maria T. da Luz	Naoto Matsuchita	Ruth V. Zein	Teruko Oda

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) VERÃO		
Com mortais fragrâncias, baratas, enlouquecidas, debatem-se em vão...	Esbelta e fagueira, está de porta-bandeira na escola-de-samba.	Corpo bronzeado. À sombra do guarda-sol suco de acerola.
Amália Marie G. Borneheim	Flávio Ferreira da Silva	Olea Amorim
Coqueiros balançam. Sob a sombra, muita gente, toma água de coco.	Forte furacão pessoas se protegendo guarda-sóis disparam.	Na ala das baianas, fantasias luxuosas enriquecem a escola.
Analice Feitoza de Lima	Flávio Velasco	Olea dos Santos Bussade
Festa de Jemanjá, o povo saída alegre... braçada de flores...	Vejo o desfile. Beleza e elegância: ala das baianas.	Ao longo da estrada, hibiscos, várias espécies. Janela dum ônibus...
Anita Thomaz Fomann	Helvécio Durso	Olíria Alvares
Num rasto brilhante, vai-se a lesma arrastando. Carará bicou...	Enchente danosa! Móveis, fogão, geladeira em cima da laje.	Depois do mergulho bela morena repousa sob o guarda-sol.
Cecy Tupinambá Ulhôa	Humberto Del Maestro	Regina Célia de Andrade
Tempo de verão, vem a tempestade. Trovão anuncia.	Lesma imprime reta no terreiro bem varrido. Maria e vassoura...	Desfile de blocos acompanhando o batucue. Carnaval de rua.
Djalda Winter Santos	Leonilda Hilgenberg Justus	Renata Paccola
Perfilados, lava-pés, labutam o dia...	Chufetas e letas e estandartes desfilam. Carnaval de rua.	Na sombra do muro, alternam-se o branco e o rosa. Vaso de begônia.
Edel Costa	Manoel F. Menendez	Roberto Resende Vilela
No pote de açúcar, a presença indesejada... Pequena barata.	Ao andar, a lesma se contrai e se estica. Que plasticidade!	Salada de alface. Uma lesma pequenina já estava morta.
Elen de Novais Felix	Maria App. Picanço Goulart	Sérgio Francisco Pichorim
O antúrio floresce... Minha varanda merece cuidado especial...	Ala das baianas... - Ária de um lago de cisnes no balé do asfalto...	Filhos em silêncio, Pé de acerola <i>limpinho</i> – bocas delatadoras.
Ecy M. M. de Faria	Maria Madalena Ferreira	Sérgio de Jesus Lurizo
Nobre cerimônia ao ar livre enfeitam fartos vasos de begônia.	Fundo de quintal – nascu no meio do entulho um pé de begônia.	A chuva caindo... e à procura de um abrigo, escorpião fúgido.
Fernando Lopes Soares	Maria Reginato Labruciano	Silvia Barbosa Natal
Mas que feio enorme, na fruta gorda e macia! Abacate aberto.	A chuva molhou toda a roupa do varal!... Anoiteceu logo!	Breve brisa brinca aos pés da porta-bandeira. Começa a chover.
Fernando Vasconcelos	Mariza Estevão	Walma da Costa Barros

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 28.02.05, quigos à escolha:
Cerração, Espantalho, Pêra.

Remeter até 30.03.05, quigos à escolha:
 Cidra, Esquilo, Luar.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este ficil entendido, *só praticando*. Não há outra opção: comece já!

No Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
 Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
 01150-011 - São Paulo, SP ou mfmendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria larva, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL – TREVOS PERSONAGEM *

A primeira escola, A escola saiu °
 foi, mesmo, a Estácio de Sá. °
 Viva o Carnaval! °
 Agostinho José de Souza °
 Morrida fatal, °
 pernillongo sanguessuga, °
 contaminação... °
 Alison Cardoso de Oliveira °

São alvas ou róseas. °
 Procuram sempre umidade. °
 Formosas begônias! °
 Alda Corrêa Mendes Moreira °

HAICUS EM FOLHA		
Acará nadando num aquário de cristal. Gatinho namora...	Olhos curiosos pregados no samburá. Acarás saltitam!	Na canoa do índio acará recém pescados pulumam em cestos...
Cecy Tupinambá Ulhôa	Anita Thomaz Fomann	Darly O. Barros
Jovens se escondendo num corre-corre assustado... Entrudo com água.	Vem um alarido rebutando nas esquinas. Chega o entrudo.	Alamanda em flores! O sol, ali, em pedaços. Criança colhendo...
Anita Thomaz Fomann	Amari do Amaral Campos	Leonilda Hilgenberg Justus
Carnaval antigo – tradições que vão passando: foliões... entrudo...	O muro florido domina todo o jardim: abrem-se alamandas.	Acabou o entrudo! Colombinas e arlequins dormem orvalhados...
Djalda Winter Santos	Walma da Costa Barros	Amália Marie Gerdá
Profusão de flores: desabrocham alamandas alegrando a casa.	No velho retrato pierrê e colombina; lembranças do entrudo.	Sem pedir licença, vale-se a farta alamanda de caules alheios.
Walma da Costa Barros	Cecy Tupinambá Ulhôa	Darly O. Barros
Os foliões brincam: água e farinha não faltam. Entrudo na praça.	Sobe radiante uma alamanda dourada do chão da varanda.	Folhas amarelas. Vai subindo sobre o muro a alamanda em flor.
Manoel F. Menendez	Edel Costa	Analice Feitoza de Lima
Muro com alamandas divide com alegria alas do hospital.	Baiana vendendo acará, no tabuleiro; gulosos em volta.	No meio do rua, foliões enlouquecidos festejam o entrudo.
Maria App. Picanço Goulart	Djalda Winter Santos	Renata Paccola
Um pé de alamandas ornamentando o jardim: é festa em amarelo.	Alegria e frevo num carnaval temporão. É a festa do entrudo.	Abraçada à cerca, a alamanda pinta a grama com folhas douradas.
Djalda Winter Santos	Alba Christina	Angélica Villela Santos
Entrudo começa, crianças com fantasia... laranjas de cera.	Um tanque sereno. A cada ceva jogada saltam acarás.	Dança o acará n'água. Pequena lua brilhante, riscada de cores!
Anita Thomaz Fomann	Sérgio F. Pichorim	Amália Marie Gerdá
Folhões no entrudo jogam tinta, água e farinha em quem vai passando.	Baiana vendendo Camisas molhadas. Carnaval em plena praça. Entrudo em ação.	Em vãos aquáticos, o acará-bandeira brilha no baile do aquário.
Renata Paccola	Analice Feitoza de Lima	Alba Christina
Branças e cheirosas no jardim da nossa casa. Flores de alamanda.	Flores de alamanda passetam pela cidade. Vestido estampado.	Feliz no entrudo moça bonita dançando; carnaval promete.
Manoel F. Menendez	Sérgio F. Pichorim	Maria App. Picanço Goulart

Chega a formiguinha! Prodadora e laboriosa, carrega seus fardos...	Ala das baianas. ° Alegria na avenida, o carnaval chega.	Ondas gigantescas, * o tufão arrasa tudo: El Niño brincando...	Na ala das baianas * mostrando ter juventude, folionas vovós.	Mulheres nuas ° carnaval na televisão vejo estrelas.	Zumbido insistente * no ouvido a noite inteira. Pernilongo ousado.	Com seu estandarte * o samba pede passagem. Aval do Rei Momo.
Amália Marie	Analice Feitoza de Lima	Angélica Villela Santos	Anita Thomaz Fomann	Carlos Roque B. de Jesus	Cecy Tupinambá Ulhôa	Darly O. Barros
No trono ilusório, coroa ° e cetno, o Rei Momo. Mais momo que rei...	Que bela mulher! ° Quando ela passa por mim, jogo fora a rosa...	- Cala a boca, louro! * não foi assim que eu falei... Que ave impertinente...	Formigas vêm e vão, ° na pia sempre variam... - Miudinha em verão?	Lesma ataca as plantas, ° só para sobreviver, sem nunca ser praga.	A lesma segue ° destando o jardim. E aí, jardineiro?	O porta-bandeira ° conduzindo o Pavilhão. Símbolo perfeito!
Diviene Boseli	Djalda Winter Santos	Edel Costa	Fernando Lopes Soares	Fernando Vasconcelos	Flávio Ferreira da Silva	Haroldo R. de Castro
No samba, caídos, ° alunos vivem seus sonhos... - Realização!	Brava formiga!... ° Carregando este peso pra sobreviver.	Momo... Carnaval... ° O reinado de três dias do gordo rei lúdico...	Cartas escondidas. ° Um velho amor do passado... Traças acabando!	Calor de verão, ° água de coco gelada é boa pedida!	Barata medonha ° que todo mundo tem nojo. Eu tenho ojeriza.	Verão... Sol e chuva. ° Refração de sete cores; o ciclo das águas.
Heloisa Sauerbronn Brandão	Helvécio Durso	Hermoclydes Siqueira Franco	Humberto Del Maestro	João Batista Serra	Jorge Picanço Siqueira	José Walter da Fonseca
Barata se esconde ° no sapato do menino. Último refúgio.	Pular carnaval! ° Lembro. Ah, como era bom! Tou ficando velho...	Vizinhos chegando, * manhã sonora e a cores. Carnaval de rua.	Branca pele ao sol... ° Vestida de cinza véu a estrela do céu...	Boca-de-leão ° flor tão pequena, suave; por que esse nome?	Tirar dentes tinha ° no verão sabor delícia: montão de sorvete!	É no carnaval, ° que alguns se escondem com máscara, enquanto outros, tiram-na.
Leonilda Hilgenberg Justus	M. U. Moncam	Manoel F. Menendez	Marcelino Rodrigues de Pontes	Maria App. Picanço Goulart	Maria de Jesus Baptista de Mello	Maria Reginato Labruciano
Hoje tantas cores. ° Criada em laboratório. Begônia moderna.	Em folia três noites ° ferve a carne quarta-feira restam cinzas.	Joaninha, jô... ° na cartilha como brilha em frases do aluno.	Tem risos e samba ° som de tamborins e tom. Carnaval, que bamba!	Rua perfumada ° de quando era solteiro. A dama-da-noite.	Neste carnaval ° quero cair na folia com samba e alegria.	Alegria vertigem ° suor batucue bagunça carnaval de angústia.
Nadyr Leme Ganzert	Nelson Brotto	Nilton Manoel Teixeira	Rogério M. S. Costa	Sérgio Francisco Pichorim	Sueli Teixeira	Yara Shimada Brotto

O sol ainda alto. A hora da anunciava a hora do ângelus. Há pachorra vespertina mesmo sem os dias quentes.	Sentado na sala fico assistindo ao jornal e ao pôr do sol. Antes do cair da noite quero ouvir uma cigarra.	No portão, espero o ônibus escolar. Hibisco florido. Toda a meninada veste algum precoce agasalho.	Janelas abertas. A menina escuta e repete: cri-cri... O vento levanta folhas pesadas na chuva.	A roupa esquecida ontem no varal. O sol da manhã. O piá vai à escola com meias úmidas nos pés.	No céu do poente os planetas alinhados. Os grilos, distantes. Vieram as noites de outono gostosas noites de outono.	De repente o gotejar lá fora. Chuva noturna. A mulher esfrega as mãos queixa-se do frio tão cedo.
--	--	--	--	--	---	---

Sérgio Francisco Pichorim (tercetos) e José Marins (dísticos), de Pinhão Pinheiro – Renga, Araucária Cultural, 2004. Contato: Sérgio Francisco Pichorim, Rua Cap. Benjamim Claudino Ferreira 1253, 83005-390 – São José dos Pinhais, PR, Fone (0*41) 282-4255, e-mail pichorim@cefeptr.br

Que belo espetáculo oferece o pôr-do-sol. Amanhã tem mais. A lua distante, as estrelas no infinito. E nós por aqui! É sempre longo o caminho que leva à felicidade. Mas percorre-lo sozinho? Não. Busque a cara-metade.	Manhã de verão, corpos vão se despojando do pudor que resta. Estômago cheio, boca de Pantagruel. Retrato da Gula. Julgar é sempre arriscado, exige toda isenção. Se não pune, é criticado; se pune, perde a razão.	Viva a liberdade, asas mil em simetria inveja do homem! Troca de parceiros, o prazer pelo prazer. Vida de Luxúria. Onde deixaste o sorriso pelo qual me apaixonei? Queres que eu perca o juízo, sabendo que o perderei?	O branco da garça n'água escura do canal fazendo o contraste. Sombra e água fresca, o trabalho é cansativo. A Preguiça manda. Acima, o céu estrelado; por perto, as ondas do mar. Tendo você a meu lado, do que posso reclamar?	Sol avermelhado perdendo-se no poente, vai-se mais um dia. Sou sempre o melhor, diz quem é pretensioso. Escravo do Orgulho. Quem da sorte não se queixa e batalha tenazmente, exemplo bom ele deixa pra seu filho lá na frente.	No mar, jogo a rede; peixe que é bom, nenhum. Natureza em greve. A fruta é mais doce do outro lado do muro; mas não é Inveja! Renunciar só depende da vontade do parceiro. Só que o outro não entende porque não o fez primeiro.	As águas do mar já foram de um rio um dia. Não dá pra voltar. Quem de nós não é um pouquinho pecador? Confessar faz bem.
--	---	--	--	--	---	---

Gilson Rangel Rolim, de Trovas & Haicais, 2004

A ganância é inoportuna e atrai profundos pesares quando os sonhos de fortuna vão calando outros sonhos! Arildo Tadeu Hagen Que Deus abençoe, nos sua, honre sempre nosso empenho. O que eu chamo de fortuna são os amigos que tenho. Geraldo de Souza Se a pobreza te importuna, não sofras, mas faz o bem... – um copo d'água é fortuna, se mata a sede de alguém! José Vitor de Paiva Tem a brilhante fortuna o lar do cristão leal, pois a Divina Coluna é feita por ideal. Pedro Kraes Filho	Em matéria de dinheiro, minha nota não é boa. Minha fortuna, parceiro, é um amor que não me enjoa. Cadu Mohrstedt Foi-se embora a mocidade a minha maior fortuna. Agora na boa idade, faço dela minha aluna. Gianfranco Rubini Minha fortuna consiste na harmonia do meu lar, fora dele nada existe que me possa afortunar. Júlia Fernandes Heimann Casebre simples, repleto de gente que se quer bem, possei fortuna de afeto que muita mansão não tem! Regina Célia de Andrade	Desde que eu ame e me una à mulher que Deus me mande, já será maior fortuna que os milhões da sorte grande! Cléber Roberto de Oliveira Da verdade não sou dono mas dou razão às quimeras; toda fortuna de outono é o fruto das primaveras! João Batista Xavier Oliveira Deus um dia nos criou para a fortuna, meu bem. O amor que Ele nos dou é para darmos a alguém! Leyla Gomes Tostes Levou-me a fortuna tanto!... Levo a vida em mutirão: um amigo em cada canto e, em cada amigo, um irmão. Relva do Egypto Rezende da Silveira	Fortuna maior na vida, de incontestável valor, é ter a família unida por portes largos de amor. Creusa Cavalcanti França No Latim, fortuna é sorte; língua bela e adorável. Deixou-nos com sua morte um legado formidável. Joel Pereira Rabello Depois de colher fortuna e o sucesso, que abre as portas, julguei a volta oportuna e encontrei lembranças... mortas! Lucília A. T. Decarli Tenho uma inspiração oportuna, pode o poeta buscar mais do que criar fortuna, a fortuna de criar! Renata Paccola	A fortuna é ter amigo, é ver sempre o sol nascer; é contar com bom abrigo, um amor pra se aquecer. Dóris Gelli Só ao final, sem saída, é que a chorar lamentamos a fortuna que é uma vida, e o valor que não lhe damos... José Ouverney Revirando os alfarrábios, velho texto em poesia, com a marca dos teus lábios, a fortuna me sorria. Luiz Carlos Rodrigues Soares Dispensar fama ou dinheiro que a fortuna às vezes, dá. Desejo o amor verdadeiro, pois, sorte melhor, não há! Walma da Costa Barros	Eu tenho grande fortuna não escondo de ninguém. De Deus, a vida oportuna e a dos meus filhos também. Edir Maria de Souza Castilho A fortuna que detenho (eu não falo de dinheiro) são os netinhos que tenho me abraçando o dia inteiro. José Raul Vinici Em fortuna, eu tenho sido qual uma agulha modesta que borda um belo vestido e a linha é que vai à festa! Marina Bruna Para chegar à abundância, na fortuna não confiei e, com fé, garra e esperança, desde a infância trabalhei! Wanderlei Rodrigues Moreira
--	---	---	--	---	--

Revista Argila Nº 9, 0411, da Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni: Praça da Liberdade 247, Centro, CEP 25685-050 – Petrópolis, RJ; Telefax (0*24) 2242-2014; E-mail aprpri@compuland.com.br – Concurso de Trovas Raul de Leoni 2004

Na roça tenho deleite... bolo de fubá, coalhada, biscoito, café com leite, queijo fresco e goiabada. Depois que a tarefa acabo, a bóia, a Rosa me ajeta: arroz, frango com quiabo, feijão e angu, a receita. Em janta na roça é fato, e coerência se admira, pois todo mundo é do mato a até o frango é caipira! Entre as vontades mais puras, morder, com amor, eu preciso, as pitanguinhas maduras que cercam o teu sorriso! Aquele velho Brasília, muito bom ainda agora, carregou-me e à família, por este Brasil a fora. Mentir só não é sujeira, por ser luz, não prejuízo, quando a lagrima certa se converte num sorriso! Sou bode velho, tranqueira, muito doido por cabrita, não conheço uma porteira, pra fechar moça bonita! Não dê bola pra capeta, ouça o seu anjo da guarda, que é o cabra mais porreta e, se chamado, não tarda! O vento cantando moda, como nós, acontecia, me agrada, mas, me incomoda, só, na varanda vazia! Quando o caboclo é sozinho e tem carência de amor, canta, igual a passarinho, pranteando a sua dor. O carro de bois cantando suas mágoas, na subida, faz exemplo, reclamando, mas dando conta da lida.	Na roça fico contente... arroz tinto, tenho em mira, angu morno, feijão quente e um franguinho caipira! Noite na roça, estrelada... Minha alma em cismar profundo, e a lua, de madrugada, enchendo de luz o mundo! Na roça não se complica a higiene rotineira: começa na velha bica e um gamelão é banheira! Carro de bois, eu me lembro, exercendo as suas lidas, de janeiro até dezembro, pranteando nas subidas. Quiabo é a gostosura que desafia o talher: o garfo não o segura e escorrega da colher! Na madrugada silente, de forma linda e didática, é que Deus fala com a gente, em linguagem telepática! Família, meu xodozinho, céu que Deus me deu na Terra: paz, amor, tanto carinho, e as belezas que ela encerra. Dos dentes nem um caquinho que, de resto, lhe console, mas se vier bem ralinho, claro que vovó engole! O José de Ponte Nova viu a coisa ficar feia, ao cavar a própria cova, cantando mulher alheia! Quem quer bem, jamais apela, e deixa a vida em bons trilhos, vai respeitando a donzela que será mãe de seus filhos. Na árvore, há tais valores, é preciso que se atenha: como sombra, fruto e flores, proteção, madeira e lenha.	Tem gosto a cabrochinha, faceira como a taboca, de uma garapa fresquinha escorrendo da engenhoca! Noite na roça é sem drama... Depois da conversa à toa, Rosa e eu vamos pra cama, então, só pena é que voa! Da noite negro tapume, a completa escuridão, faz, de estrela, um vaga-lume e, de céu, o nosso chão! Aceso o fogão de lenha, janta pronta e bem quenteinha, esperando que ele venha, fica aflita a cabrochinha. De certo tabu divaga, dos outros o que quiser... Mistério que não se indaga é idade de mulher! Foi só um beijo molhado, delicioso e sem som... Não consentido, roubado, mas danadinho de bom! O casal tanto tentou, na rede, fazer aquilo, que quase se arrebitou, inda perdeu o sigilo! Quando alguém produz, na arte, algum dom que Deus lhe deu, simplesmente ele reparte toda a luz que recebeu. Moça da roça, querida, quando pisa o coração, nos enche o peito de vida, com passinhos de algodão. Sitiado na cidade, com vergonha de chorar, tocou berrante, em saudade, lá no vigésimo andar! A bóia que se consome há, no campo, de existir, pois a cidade só come, quando a roça produzir.	A cabrocha mineirinha, pela gostosura e graça, é um beijo de farinha, inda saindo fumaça! O casório, em meu juízo, pela sogra, era perfeito... Ela só vibrou o guizo, depois que estava já feito! Bica d'água, essa cantiga, uma seresta sem fim, tão sonora e tão amiga, ainda ecoando em mim! É na extrema nostalgia, ou nas horas de aflição, que se destaca a magia existente na oração! Em amor, não fico só, empeço não me engana, pois existe sempre um nó, entre dois gomos de cana. A sina da fazendeira foi triste, eu não invejo: descuidou-se da porteira, sua vaca foi por brejo! Sua imagem inda persiste na Fazenda do Guará... Nem mais a varanda existe, mas ainda a vejo lá! No que esta saudade encerra, inda pareço estar vendo a velha ermida da serra e seu sininho batendo. Aos domingos, na capela, punha em dia as orações, vendo a santa e a Gabriela, minhas duas devoções! De galinha criador, pobre do velho Jacinto, descuidou-se do rigor carcará comeu seu pinto. Moça da roça falando dá a sensação gostosa de que a brisa está passando, tão refrescante e cheirosa!	Cabocla, vejo, em seu rosto, riso de um alvor mais puro, beijos pintados a gosto, com urucum bem maduro. Rosinha, mimososa flor, quanta beleza e maldade... em troca de tanto amor, só me deixaste saudade! Cabocla que já segura os desejos e a paixão, tem bumbum de tanajura e cintura de pilão! Na alegria sanjoanina, tão leve quanto os balões, saracoteia a menina, mexendo com os corações. Ela é plantadora, a gralha, e plantando tudo dá, é riqueza que não falha, no solo do Paraná. A passarada cantando, neste alvorecer mais lindo, a minha alma perguntando: pode alguém estar dormindo?... Pingo de mel na amargura, a fé, presença de Deus, dos males todos, é cura, raio de luz nos meus breus! Amanhece a voz dos bichos orquestrando a madrugada... Mãe natura tem caprichos, ao programar a alvorada! A cabrocha mais bonita não tinha complicação, era um vestido de chita e seus pezinhos no chão! Um galo fazendo amor... cem frangas no galinheiro. Pelo que tinha ao dispor, deu inveja no roceiro! Não olha tempo o mineiro, seja estação, mês ou hora, só não bula em seu dinheiro, nem queira a sua senhora!	Nada impede que me venha, na saudade que me encanta, um fogão queimando lenha e Rosa fazendo a janta! A chuva foi desabando, águas tornaram a vir... Parecia o céu chorando, vendo o Nordeste sorrir! A nordestina é gostosa, no Ceará, eu senti: tem os beijos cor de rosa, com gosto de sapoti. Adão, em gula fájuta, com sua Eva querida, em meio de tanta fruta, comeu logo a proibida! Esta minh'alma andarilha é mestra da convivência, pingo lesto na coxilha, sempre voltando à querença. Sabe a linda fazendeira ser, remido seu pudor, inútil fechar porteira, para o boi brabo do amor! Deixa-me maravilhado, na relva, com mil facetas, ver o desenho animado do baile das borboletas. Ao político, o caipira ouvindo falar bonito, pensou: "sei que isto é mentira, mas vou fingir que acredito!" Pois foi num dedo de prosa, junto à junina fogueira, que encontrei de junho a Rosa que viceja a vida inteira. Rosinha em mim agarrada, na garupa do meu pampa, parecia, uma ajustada panela com sua tampa. Mulher da roça é mais quente, tem fogueirão de temura, faz torrada do vivente, frita o cara, sem gordura!
---	---	--	---	---	--

Fernando Vasconcelos, de Gotinhas de Orvalho: Trovas, 2003. Contatos com o autor: Rua São Josafat 389, CEP 84053-310 – Ponta Grossa, PR